I N D I C A Ç Ã O

Assunto: *Sugerindo ao Prefeito realizar estudos visando colocar em uma via, logradouro ou próprio público o nome do Sr. Francisco Lopes Martins (conhecido Chiquinho).*

Indico à Mesa, consultado o Plenário, e na forma regimental, oficie-se ao Exmo. Sr. Prefeito, para que através do setor competente da Municipalidade, realize estudos visando colocar em uma via, logradouro ou próprio público o nome do Sr. Francisco Lopes Martins (conhecido Chiquinho).

Sala das Sessões, assinado e datado eletronicamente.

ELAINE OLIVEIRA
Vereadora – PSD

ELAINE DE OLIVEIRA CANDIDO:20011895837 2023.03.09 11:07:27 -03'00'

Documento assinado eletronicamente pelo(s) autor(es), nos termos da Medida Provisória *nº* 2.200-*1, de 27 de julho de 2001, em conformidade com as regras da infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira (ICP-Brasil).*

Biografia de Autoria de Sônia Shirley

Francisco Lopes Martin nasceu em 16 de abril de 1941, em Duartina, interior de São Paulo. Filho caçula de Romão Lopes Gonzalez e Tereza Martins Rodriguez, que nasceram em Granada, cidade da Espanha. Minha Tia Carmem me disse um dia, em uma das nossas conversas, que nossos familiares viviam na Europa e trabalhavam como artistas de Teatro de Rua.

O Brasil abriu as portas para os imigrantes de vários países nas décadas de 1920 e 1930. Romão e Tereza se conheceram nos porões do navio que os transportavam da Espanha até o Brasil. Casaram-se e tiveram sete filhos: Maria, Isabel, Luís, Antônio, Romão, José e o caçula Francisco, conhecido por todos como "Chiquinho" (meu pai). Os pais de Chiquinho trabalharam duro na lavoura de café em Duartina e anos depois, mudaram para Garça/SP. Chiquinho estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental na EEPG Prof. João Crisóstomo.

Naquela ocasião, meu pai tomou a decisão que iria trabalhar aos 10 anos de idade. Em Garça, o trabalho estava escasso. Recebeu uma proposta para trabalhar em Londrina, nas lavouras, aplicando inseticida. Todo mês, ao receber o pagamento, enviava o dinheiro aos seus pais para que eles pudessem se alimentar. Eles continuaram trabalhando na lavoura e pagando aluguel. Aos 18 anos, Chiquinho retornou a Garça e na sua chegada, dialogando com os seus pais, disseram que a atitude do filho em enviar o dinheiro foi tão nobre que eles decidiram em guardar tudo o que recebiam dentro do colchão de palha, revestido de tecido costurado a mão, da cama do casal. Disseram ao filho que todo seu esforço de trabalho em querer ajudar os pais foi digno de uma recompensa. Dessa forma, reservaram todo o dinheiro que receberam com a intenção de ajudá-lo a montar seu próprio comércio. Chiquinho ficou muito surpreso com a atitude dos pais e montou uma quitanda.

Em 1961, apareceu uma oportunidade de alugar uma porta na Rua Heitor Penteado, 1.003 (Vila Rebelo). Lá, montou um bar com quitanda. No mesmo ano, conheceu a encantadora Laurinda, que dali um ano seria a sua futura esposa. Em 1962, Chiquinho, aos 22 anos, casou-se com Laurinda. No mês seguinte, nasceu a primeira filha, Sônia Shirley.

Chiquinho, muito dedicado e trabalhador, conseguiu comprar o imóvel desejado e fez a ampliação da segunda porta à direita. Colocou o nome de Empório Londrina, em homenagem aos anos que passou nessa cidade.

A vida começou a prosperar aos 28 anos e conseguiu construir uma casa para os seus pais no fundo do Empório. Em 1963, nasceu a segunda filha, Solange Aparecida.

Continuava trabalhando incansavelmente e sem férias. Seu primeiro investimento foi em uma máquina de fazer sorvetes de massa. Assim, a Vila Rebelo recebeu a primeira sorveteria.

Em 1965 nasceu o terceiro filho, Paulo César, e a vida do comerciante só prosperava.

Em 1966 nasceu o quarto filho, Roberto Carlos. Dona Laurinda, cansada dos afazeres domésticos, exigiu um fogão a gás. Também ganhou uma televisão para a alegria da vizinhança que ia até sua casa para assistir os programas de TV.

Em 1967, a avó Tereza faleceu.

O Empório Londrina fornecia alimentos para os moradores da vila e da região, como também para pessoas das fazendas vizinhas. Com tanto trabalho e dedicação, as férias não estavam em seus planos. E, um pouco antes da chegada do homem à Lua, em 1969, veio o quinto filho, Florisvaldo Francisco, que nasceu na casa recém-construída, para a alegria de todos.

Em 1970, faleceu o nosso querido avô Romão, que conseguiu conhecer todos os netos. Ele curtiu muito a vida com festas e adorava contar muitas histórias da vida dele na hora do jantar com seus netos.

Os anos foram passando. Seus pais faleceram e Chiquinho continuou trabalhando das 8 às 23 horas, de domingo a domingo. Nunca tirou um dia de folga a não ser quando a sobrinha Maria Rosa, filha da tia Maria com o tio Pedro, faleceu após ser atropelada em São Paulo. Com seus irmãos, foi de carro para o velório.

Outros anos se passarm e quando os filhos ficaram adolescentes e começaram a participar da vida religiosa, o casal se uniu mais ainda. Participaram do ECC de Garça (Encontro de Casais com Cristo) e a partir deste período, uma vez por ano, as famílias da Comunidade Nossa Senhora Aparecida se reuniam para fazer um piquenique. O

motorista, senhor José dos Santos, vizinho e compadre, levava os casais e os filhos na carroceria do caminhão para um domingo no sítio dos Sitta e cachoeiras do Cantú. Estes foram os únicos dias de lazer com a família do Chiquinho e amigos, que foram anos inesquecíveis.

Outro momento muito especial era o Natal. Chiquinho comprava dois cortes de tecido, arrumava um embrulho com macarrão, massa de tomate e oferecia para quem fosse cedinho na casa dele para acordá-lo. E era uma disputa de pessoas que faziam isso, porém só a primeira levava os presentes. Chiquinho presenteava e seguia para o seu trabalho. Na hora do almoço, a primeira pessoa que encontrasse no seu caminho, convidava para almoçar em nossa casa no almoço de Natal, onde sempre havia uma leitoa e cabrito assado, preparados pela patroa.

No final dos anos 70, chegou o supermercado em nossa cidade e alguns mercadinhos nas proximidades do empório. Foi aí que as dificuldades começaram a aparecer. Ficou inviável continuar com o empório. Por isso, a melhor solução era ir transformando, aos poucos, o estabelecimento em um bar. Lá servia muito pão com paçoquinha, pães fresquinhos, mortadela, cebola e salsichas curtidas com uma pinga envelhecida e com muitas ervas. Continha prateleiras bem altas com bebidas, docinhos diversos como paçoquinha, chocolates e um baleiro imenso com balas deliciosas que eu adorava encher as mãos e levar para a escola.

E por falar em escola, me lembro que quando estava no Ensino Médio da ETEC Monsenhor Antônio Magliano, meu pai comprou o seu primeiro carro, um Aero Willys, da Ford Galaxie, na cor azul-claro.

Mesmo com essas mudanças, as dificuldades econômicas não paravam de crescer a cada dia. Precisou vender o carro e alguns de seus bens. Até que Chiquinho adoeceu e pela primeira vez na vida, pôde usufruir de dois meses de férias em casa, onde tomava um sol no quintal todos os dias e acabou plantando uma jabuticabeira. Infelizmente a sua cirrose hepática o levou desta vida no dia 1º de junho de 1983. Foram dias muito difíceis para nós irmãos tão jovens. Minha mãe, viúva aos 45 anos, teve que ser ao mesmo tempo, mãe e pai. Graças a Deus tivemos muito apoio dos

amigos e parentes. Mas, o único filho que podia assumir o negócio da família era o Paulinho, que entrou em cena aos 17 anos.

Dona Laurinda e os filhos se revezavam para os afazeres de casa, além dos estudos, trabalho e tinham que manter o Bar aberto todos os dias da semana. Na época, fizemos muitas competições de pebolim nas tardes de domingo para reconquistar a clientela. Fora os campeonatos, nos unimos para vender frango, pizza, esfiha e coxinhas. Fazíamos tudo isso com muito esforço e dedicação porque a concorrência era grande. Com o passar dos anos, a clientela foi reconquistada com a ajuda de muitos amigos do Paulinho e em 1991 se tornou a Lanchonete do Paulinho Drink's Burger e Choperia e ele dizia: "Vou vencer trabalhando aqui no bairro, o mundo virá até aqui." Estava certo. Hoje, pessoas de todos os bairros e cidades vizinhas vão até a lanchonete mais famosa e curtida da cidade.

Após um tempo árduo de trabalho, Paulinho saiu em viagem na lua de mel da Sônia Shirley com Sidney Bicalho. Aproveitou a carona e foi para São Paulo conhecer o apartamento da irmã, o Playcenter, shopping e a praia de Pernambuco, no Guarujá, com a sua esposa Vera Lúcia.

Neste ano de 2021, a Lanchonete completa 60 anos. Uma história de família que venceu todas as dificuldades com muito trabalho e esforço. Lá se vão 30 anos de trabalho todos os dias ininterruptos.

De um ano para cá vivemos a pandemia do Covid-19. O Delivery agora é o que sustenta os Irmãos Lopes e as várias famílias dos funcionários que nos ajudam a manter este patrimônio. E hoje, dia 16 de abril, se Chiquinho estivesse aqui, estaria completando 80 anos de idade.

Logo após o falecimento do meu pai tive um sonho com ele e neste sonho me disse que estaria sempre ao nosso lado nos ajudando. E eu, como narradora da história, quero muito que uma das ruas dos bairros de Garça leve o nome de Francisco Lopes Martin, para esta ser a nossa homenagem ao Chiquinho e aos Irmãos Lopes que estão aqui, todos os dias, ajudando e inovando com a torradinha da Dona Laurinda, a deliciosa maionese do mano Beto, lanches diversos, porções, chocolates, guloseimas, sorvetes, chopp zero grau, sucos e drinks.

Assim, vamos seguindo e acreditando que famílias unidas podem transformar a história de vida de muitos de nós brasileiros. E espero que, num futuro próximo, meu irmão Paulinho tire, com saúde, suas merecidas férias!

Desejo que as futuras gerações continuem este legado de bares, empórios, lanchonetes e restaurantes, segmento onde nossa família brasileira e espanhola se destacou aqui, no nosso Brasil.